

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

1

MAS EXISTE O HOMEM? JOÃO PAULO PIMENTA

joão paulo pimenta

MAS EXISTE O HOMEM?

APRESENTAÇÃO DO CICLO
A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto, João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pimenta, João Paulo

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 1 / João Paulo Pimenta ; coordenação Fernando Rios , Terezinha Azerêdo Rios. -- 1. ed. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, 2023.
PDF.

ISBN 978-65-87592-18-3

1. Humanidade - Antropologia filosófica
2. Humanidade - História 3. Humanidades - Filosofia I. Rios, Fernando. II. Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-159682

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia filosófica 128
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Humanidade no plural

Refletir sobre o humano, levando em conta a pluralidade dessa condição, reaviva indagações que nos acompanham desde os tempos mais antigos. Como viver conjuntamente, em um mundo caracterizado pela multiplicidade de experiências e distribuição desigual de recursos? É possível enfrentar desigualdades, preservando as diferenças? De que forma encontrar o equilíbrio entre os seres, e entre estes e o ambiente?

Examinar as variadas formas que pessoas e grupos encontraram para morar e comer, se comunicar e rezar, trabalhar e fruir o tempo de lazer, tudo isso estimula o contato com a alteridade, convidando a um olhar sobre si - e pode, quem sabe, abrir portas à reinvenção. Mobilizado por perguntas-chave, o ciclo “De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos? Seres humanos e suas humanidades” instiga o debate e a reflexão sobre temas que atravessam a experiência humana, e que seguem se atualizando a partir dos contextos e da produção de sentido que elaboramos no mundo, em nossas relações e na diversidade.

Realizado pelo Sesc São Paulo, por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), a partir da proposição dos educadores Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios, o ciclo contou com dez encontros online, de agosto

a outubro de 2022, e reuniu pesquisadores e pesquisadoras com diferentes formações e atuações. O objetivo foi destacar diversos modos de pensar e problematizar as várias áreas que se interseccionam na construção do ser social, político, econômico e cultural, sobretudo após a drástica mudança de conjuntura que enfrentamos a partir de 2020, frente a uma crise sanitária em nível mundial. A presente publicação reúne a transcrição das palestras e foi elaborada com o intuito de garantir o acesso e a circulação das ideias e provocações desenvolvidas em cada encontro.

Uma boa leitura.

SESC São Paulo

Apresentação

Respostas que nos ajudem a compreender e construir diariamente nossas humanidades.

Esta série de encontros “DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES” foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Andréa de Araújo Nogueira e Sabrina da Paixão Brésio.

Nosso agradecimento a todos os palestrantes e participantes dos encontros.

Com este projeto, pretendemos destacar alguns elementos no percurso dos seres humanos e na criação de suas múltiplas humanidades e destacar algumas das características que elas foram adquirindo, a partir dos encontros e desencontros das diferentes culturas nos diversos espaços de construção da vida social.

Acreditamos que o conhecimento proporciona os melhores instrumentos para investigar e interpretar a realidade e propor mudanças significativas que aperfeiçoem a convivência, tendo como horizonte o bem comum.

Assim, a discussão sobre cada um destes temas procurará trazer respostas que nos ajudarão a entender melhor o ser humano e suas humanidades. E a pavimentar melhor nossos caminhos.

Queremos refletir sobre os desafios que temos enfrentado, e que na certa enfrentaremos, com as mudanças que acontecem a cada dia mais rapidamente, para encontrar algumas respostas que nos auxiliem na compreensão e na diuturna tarefa de construção de nossas sociedades, de nossas culturas, enfim, de nossas humanidades.

Terezinha Azerêdo Rios

ESTRUTURA DO CICLO

DE ONDE VIEMOS?

ONDE ESTAMOS?

PARA ONDE VAMOS?

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

**Ser humano, natureza e a transformação do planeta.
Que caminhos nós temos trilhado para chegar a tantas
humanidades?**

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO, CURADORIA

Fernando Rios

Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA

Terezinha Azerêdo Rios

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

PAULO FREIRE, *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA*

O pós-coronavírus é tão preocupante quanto a própria crise. Poderia tanto ser apocalíptico quanto portador de esperança. Muitos comungam a certeza de que o mundo de amanhã não será o mesmo de ontem. Mas como será? A crise sanitária, econômica, política e social conduzirá ao desmembramento de nossa sociedade? Saberemos extrair lições dessa pandemia que revelou a comunhão de destinos para todos os humanos, em ligação com o destino biotecnológico do planeta? E eis que entramos na era das incertezas.

O futuro imprevisível está em gestação hoje. Tomara que seja para a regeneração da política, para a proteção do planeta e para a humanização da sociedade: está na hora de mudar de via.

EDGAR MORIN, *É HORA DE MUDARMOS DE VIA – AS LIÇÕES DO CORONAVIRUS*

INTRODUÇÃO

O progresso não consiste necessariamente em ir sempre adiante a qualquer custo.

UMBERTO ECO, PAPE, SATAN, ALEPPE – CRÔNICAS DE UMA SOCIEDADE LÍQUIDA

I

Raramente paramos para responder a algumas perguntas que atravessam séculos. Costumamos aceitar respostas prontas, para não aumentarmos nossas muitas preocupações. Grande parte das pessoas vive sem muitos questionamentos. Mas compreender o mundo e suas transformações pode ajudar na criação de uma vida melhor e de uma sociedade mais justa e solidária.

II

O que caracteriza fundamentalmente a realidade é o movimento. A transformação constante se manifesta em todos os espaços, sobretudo na vida e nas relações humanas. Portanto, estamos sempre mudando. Por que, então, destacamos o apelo de Morin? O que existirá nesta hora que indica a necessidade de uma mudança de caráter mais radical?

Julgamos que há alguns aspectos que merecem atenção especial neste momento das histórias das humanidades. No lugar de um universo – ou de um pluriverso, como poderíamos dizer – passamos a fazer referência a uma metafísica do metaverso, instância de criação de subjetividades virtuais ainda não exploradas a não ser na ficção.

Em quantos eus, reais ou virtuais, cada um de nós se multiplicará?

ENCONTRO I

MAS EXISTE O HOMEM?

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO – CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

CONVIDADO **JOÃO PAULO PIMENTA**

Mais do que falar numa natureza/essência humana, talvez valesse mencionar uma condição humana, uma vez que é próprio da humanidade ir se construindo, a partir da intervenção na natureza e da relação com os outros.

ENCONTRO 2

GANHARÁS O TEU PÃO COM O SUOR.

TRABALHO, LAZER, ÓCIO. DA PUNIÇÃO BÍBLICA AO HOME OFFICE. ESCRAVIZAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS. CAPITAL E TRABALHO. VIVER PARA TRABALHAR OU TRABALHAR PARA VIVER

CONVIDADO **LADISLAU DOWBOR**

Trabalho é um conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim. A humanidade, bem ou mal, assalariada ou escravizada, sempre trabalhou. Está aumentando o número de desempregados? Aumentou a exploração do trabalhador? A inteligência artificial está substituindo a força de trabalho humana? O que é "Uberização"? Capital e trabalho continuam em conflito?

ENCONTRO 3 QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA

COMUNICAÇÃO: LINGUAGENS, LÍNGUAS, CONSCIENTE, INCONSCIENTE.

DA CAVERNA AO METAVERSO, O MUNDO CONECTADO. ARTE: DOMINAR O REAL, MITIFICAR, REPRODUZIR, EXPRESSAR EMOÇÕES

CONVIDADA **RITA VON HUNTY**

O ser humano é o animal mais comunicativo que existe. Simplesmente porque inventou vários jeitos, várias maneiras de expressar aquilo que experimenta, sente, pensa. Em cada ação há uma comunicação. O ser humano jamais se comunicou tanto! Com o corpo todo. Mas os seres humanos se entendem?

ENCONTRO 4 ANDAR COM FÉ EU VOU

ESPIRITUALIDADE, CRENÇAS, RELIGIOSIDADE, TRANSCENDÊNCIA. RAZÃO E EMOÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.

CONVIDADO **FREI BETTO**

O ser humano sempre manifesta o desejo de ser mais – essa é a sua dimensão de transcendência. Isso tem levado o ser humano a criar múltiplas interpretações sobre a vida e a morte, o natural e o sobrenatural. Cria mitos, seitas, religiões. Além das três mais difundidas religiões, há um sem-número de outras. Quantas razões precisamos para “enfrentar” a vida? Quantos significados? Por que precisamos superar a morte?

ENCONTRO 5 UMA CIDADE SEM PORTAS, DE CASAS SEM ARMADILHA.

CASAS E CIDADES, URBANO E RURAL. MEGALÓPOLES, FAVELAS, FLORESTAS E DESERTOS. ONDE MORA O SER HUMANO? A NECESSIDADE DE UM URBANISMO SUSTENTÁVEL

CONVIDADA **RAQUEL ROLNIK**

As primeiras cidades surgiram e se desenvolveram-se na Mesopotâmia, em torno do Rio Eufrates, cerca de 3500 a.C. A partir daí, a humanidade registrou, através dos tempos, um movimento do campo para a cidade. Surgem as megalópoles. Mas o inchaço das cidades não trouxe boa vida para a população. Que cidades podemos esperar num mundo de 8 bilhões de habitantes?

ENCONTRO 6 É IMPOSSÍVEL SER HUMANO SOZINHO

AGRUPAMENTOS, COMUNIDADES, SOCIEDADE, LAÇOS, CONFLITOS, VIDA POLÍTICA. AGRESSIVIDADE, VIOLÊNCIA, CRUELDADE.

CONVIDADO **TALES AB'SÁBER**

Viver é conviver. Como tem sido a constituição de comunidades em várias partes do mundo? O que trouxemos dos hominídeos? E dos povos originários? E as diferentes famílias da atualidade? Mesmo com conflitos, guerras, adversidades, consciente ou inconscientemente, os seres humanos e as sociedades têm buscado uma convivência pacífica. Conseguiremos?

ENCONTRO 7 COMER PARA VIVER OU VIVER PARA COMER?

AGRICULTURA E PECUÁRIA. FOME E ABUNDÂNCIA. ALIMENTAÇÃO, GASTRONOMIA. O CORPO E SEUS MODELOS. HÁ COMIDA PARA AS HUMANIDADES?

CONVIDADA **MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO**

Foi com a domesticação de vegetais e animais, cerca de 10.000 anos AC, a partir do crescente fértil, uma região localizada entre os rios Tigre, Eufrates, Jordão e Nilo, que a humanidade ampliou sua capacidade de sobreviver. A população mundial deverá ter quase 10 bilhões de pessoas em 2050. A produção de alimentos terá que aumentar 70%, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Conseguiremos?

ENCONTRO 8 O MUNDO É UMA ESCOLA

EDUCAÇÃO: PRESERVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA CULTURA. O QUE OS POVOS ORIGINÁRIOS NOS ENSINAM? A PÓS-PANDEMIA. AULAS PRESENCIAIS E À DISTÂNCIA. A INTERNET E O PROFESSOR GOOGLE. AVALIAÇÃO DO CICLO.

CONVIDADO **CÉSAR APARECIDO NUNES**

A educação é um processo de construção contínua da humanidade, de socialização da cultura, de criação, recriação e partilha de conhecimentos e valores. A velocidade com que essas mudanças acontecem é reflexo dos avanços tecnológicos que, nos últimos tempos, vêm gerando uma revolução em todos os setores. Como será a escola acoplada à tecnologia digital? Que educação vem por aí?

ENCONTRO 9 PROGRESSO A QUALQUER PREÇO?

TECNOLOGIA. OS OSSOS E A PEDRA POLIDA. O FOGO E A RODA. OS METAIS, OS TRANSPORTES, OS TIPOS MÓVEIS. A COMUNICAÇÃO DE MASSA. A COMUNICAÇÃO DIGITAL. O METAVERSO.

CONVIDADA **TATIANA ROQUE**

Desde sempre, a tecnologia faz parte da humanidade. Quais tecnologias contribuíram para mudá-la significativamente? A cada dia, uma inovação tecnológica é introduzida no contexto social. Em franco progresso estão a Inteligência Artificial, o Metaverso, a Biologia Genética, a Robótica. seres humanos concorrerão com espécimes criadas artificialmente.

ENCONTRO 10 O PLANETA ESTÁ ENFERMO

MEIO AMBIENTE NO BRASIL E NO MUNDO; CAPITALISMO, CONSUMO E CONSUMISMO; DESMATAMENTOS, RESÍDUOS, POLUIÇÃO; MODA E MODISMOS. É POSSÍVEL ENFRENTAR A DOENÇA PLANETÁRIA?

CONVIDADA **SÔNIA GUAJAJARA**

Nós, seres humanos, somos consumidores desde que iniciamos nosso périplo pela Terra. Originalmente, havia tempo para a caça e pesca, para a família, para festas e rituais. Com a transformação das sociedades e com o advento do capitalismo, um novo comportamento se consolidou na sociedade: o consumismo. Esse consumo desenfreado está comprometendo a sobrevivência da humanidade.

sabrina da paixão brésio

Questões clássicas

Bem-vindos e bem-vindas, todos e todas, ao ciclo *De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos?* São questões clássicas as aqui trazidas pelos curadores, a professora Terezinha Azerêdo Rios e o jornalista e antropólogo Fernando Rios. Este ciclo é promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação, CPF, do Sesc São Paulo. Temos o prazer de iniciá-lo hoje. Ele terá dez encontros *online*, com inscrições abertas no nosso site.

Antes de dar início à atividade de hoje, queria dar algumas informações. O encontro é ao vivo e síncrono e sua gravação não será disponibilizada posteriormente. As palestras serão transcritas e, depois de aprovadas pelos palestrantes, serão publicadas no site do CPF.

As perguntas podem ser feitas pelo chat e serão repassadas à Terezinha.

A declaração de participação pode ser solicitada por e-mail, com o nome completo do participante, o nome e a data da atividade, e enviada ao endereço - declaracao.cpf@sesc.org.br.

Agora, tenho prazer em apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios. Ela é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e

doutora pela faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. É palestrante em instituições educacionais e empresas e pesquisadora do GEPEFE - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores, da FEUSP. Passo a palavra para a professora, que apresentará o nosso convidado, e desejo a todos e todas um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

“Doncôvim, oncotô, proncovô, quemcossô?”

Muito bom dia a todas as pessoas que estão conosco. A nossa primeira palavra - minha e do Fernando - é de agradecimento pela presença de vocês e, também, ao Sesc São Paulo, pela generosa parceria.

Este é o segundo projeto que desenvolvemos com o Sesc e temos tido sempre a acolhida calorosa da Andréa Nogueira e, muito especialmente, da Sabrina Brésio, que nos tem acompanhado desde o ano passado. Agradeço, portanto, e desejo que possamos fazer um trabalho muito bom. Na verdade, temos certeza de que será assim, já que podemos contar com a presença de vocês e desses convidados da melhor qualidade que estão conosco.

Sabrina anunciou e foi assim que apareceu no Sesc, *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?*. Vamos começar traduzindo em mineirês: *doncovim, oncotô, proncovô?* E a pergunta mais séria que está embutida é *quemcossô?*. Quem somos nós?

A nossa intenção aqui, como anunciamos, é exatamente responder a essas perguntas, que são perguntas antigas da humanidade, e com a intenção de responder a uma outra:

- que caminhos temos trilhado para chegar a tantas humanidades?

Não falamos em humanidade, no singular. Falamos das múltiplas e complexas humanidades

que temos visto e experimentado ao longo da história.

A ideia é exatamente estabelecer um diálogo, fazer uma reflexão do ponto de vista da filosofia, que é o meu espaço, da antropologia, que é o espaço do Fernando, e de tantos outros caminhos dessas pessoas que trarão a sua colaboração para que possamos caminhar juntos no sentido de partilhar nossas ideias.

Tenho dito sempre que, no departamento das ideias, não podemos falar em troca. Uma troca implica sempre uma perda. Se troco algo com vocês, perco algo e ganho aquilo que vocês me trazem. Mas há sempre uma perda quando se trata de objetos, de materialidade. No departamento das ideias, não existe isso: se trago uma ideia, ao partilhá-la com vocês, não perco a ideia, nem vocês as suas. Não dividimos, somamos, multiplicamos. Por isso mesmo queremos que seja uma partilha.

É isso que vamos fazer e, exatamente por isso, estamos nos perguntando sobre as humanidades, sobre os seres humanos, como eles têm vivido, como têm se comunicado. Eles e elas: sempre estará implícito todos os gêneros, como se relacionam entre si, com a transcendência, como criam, como vivem... Tínhamos planejado um encontro em que ti-

véssemos o João Paulo Pimenta (1972) e o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1940), para trabalharmos os temas da história e da cultura simultaneamente. Mas, antes de qualquer coisa, quero dizer da minha alegria, da nossa alegria muito particular de ter aqui conosco o João Paulo Pimenta, amigo antes de tudo, e um intelectual respeitado e admirado.

O João é doutor em História, professor do departamento de História da USP desde 2004 e foi professor visitante de universidades no México, na Espanha, no Uruguai, no Equador e no Chile. É especialista em História do Brasil e da América dos séculos 18 e 19, especialista também em Teoria da História e Questão Nacional. É autor de uma centena de publicações acadêmicas e de divulgação, incluindo dez livros editados em seis países. As suas obras mais recentes são: *O livro do tempo: uma história social*, publicado pelas Edições 70, em 2021, e *Independência do Brasil*, publicado pela Contexto em 2022. Também organizou *E deixou de ser colônia, uma história da independência do Brasil*, pela Edições 70.

É dele que aguardamos uma palavra a propósito da questão da história. Mas eu dizia que queríamos buscar também uma perspectiva da antropologia, na palavra do Carlos Rodrigues Brandão (1940). Ele não está conosco devido a um problema de saúde. Estamos na torcida para que ele se recupere logo e possa participar da nossa atividade. O livro de refe-

rência que buscamos do Brandão foi: *Nós, os humanos*¹.

Nós, os humanos, quem somos os humanos e as humanas?

E agora, quem nos ajuda a lançar a provocação é um conterrâneo meu da melhor qualidade, Carlos Drummond de Andrade. Drummond tem um poema belíssimo, que se chama *Especulações em torno da palavra homem*², que está no seu livro *A vida passada a limpo*, publicado pela Companhia das Letras.

Especulações em torno da palavra homem

Mas que coisa é homem, que há sob o nome:

uma geografia?

um ser metafísico? uma fábula sem signo que a desmonte?

Como pode o homem sentir-se a si mesmo, quando o mundo some?

Como vai o homem junto de outro homem, sem perder o nome?

E não perde o nome e o sal que ele come nada lhe acrescenta

nem lhe subtrai da doação do pai? Como se faz um homem?

Apenas deitar, copular, à espera de que do abdômen

1 NÓS, OS HUMANOS: DO MUNDO À VIDA, DA VIDA À CULTURA

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Editora Cortez, 2018.

2 ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Aeroplanos da Birmânia

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

brote a flor do homem? Como se fazer a si mesmo, antes de fazer o homem? Fabricar o pai e o pai e outro pai e um pai mais remoto que o primeiro homem? Quanto vale o homem? Menos, mais que o peso? Hoje mais que ontem? Vale menos, velho? Vale menos, morto? Menos um que outro, se o valor do homem é medida de homem? Como morre o homem, morre a cada passo? Sua morte é fome que a si mesma come? Morre a cada passo? Quando dorme, morre? Quando morre, morre? A morte do homem consemelha a goma que ele masca, ponche que ele sorve, sono que ele brinca, incerto de estar perto, longe? Morre, sonha o homem? Por que morre o homem? Campeia outra forma de existir sem vida? Fareja outra vida não já repetida, em doido horizonte? Indaga outro homem? Por que morte e homem andam de mãos dadas e são tão engraçadas as horas do homem? Mas que coisa é homem? Tem medo de morte, mata-se, sem medo? Ou medo é que o mata com punhal de prata, laço de gravata, pulo sobre a ponte? Por que vive o homem? Quem o força a isso, prisioneiro insonte?

Como vive o homem, se é certo que vive? Que oculta na frente? E por que não conta seu todo segredo mesmo em tom esconso? Por que mente o homem? Mente mente mente desesperadamente? Por que não se cala, se a mentira fala, em tudo que sente? Por que chora o homem? Que choro compensa o mal de ser homem? Mas que dor é homem? Homem como pode descobrir que dói? Há alma no homem? E quem pôs na alma algo que a destrói? Como sabe o homem o que é sua alma e o que é alma anônima? Para que serve o homem? Para estrumar flores, para tecer contos? Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe Deus do homem? E sabe o demônio? Como quer o homem ser destino, fonte? Que milagre é o homem? Que sonho, que sombra? Mas existe o homem?

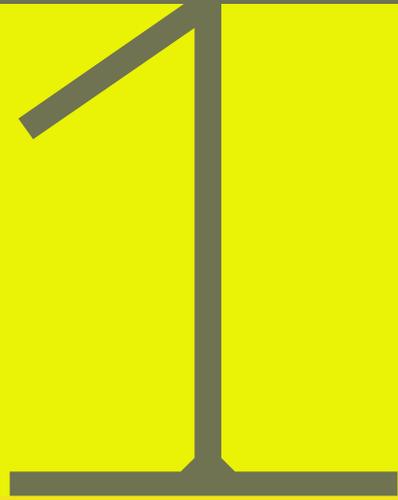
Ninguém nasce humano, torna-se humano.

... mas existe o homem?
Esta é a pergunta que nos trouxe até aqui. Cada um desses versos de Drummond nos remete a coisas de que trata o Brandão, quando diz que nós, seres humanos, somos os artesãos do oitavo dia. Ele brinca dizendo que é como se o criador tivesse feito o mundo em sete dias

e nos criado nesse sétimo. A partir daí, assumimos a criação. Assim, as humanidades resultam exatamente da interferência dos seres humanos, homens e mulheres, na natureza, criando múltiplas culturas.

Ninguém nasce humano, torna-se humano. Dizemos, parafraseando a escritora, filósofa existencialista, ativista política e feminista Simone de Beauvoir (1908-1986), quando diz que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Somos sim, uma espécie biologicamente *sapiens sapiens*, mas de *homo sapiens* a seres humanos há um longo caminho que é o da cultura, da criação, da interferência na natureza e da mudança.

E como mudança é movimento e é história, hoje conversaremos com João Paulo Pimenta. Esperamos que haja a possibilidade de ele nos trazer um pouco da contribuição tão rica que ele tem. Ele falará por cerca de 50 minutos e, em seguida, abriremos para as perguntas de vocês e para o diálogo. Obrigada, João, antes de tudo, e a palavra é sua.



JOÃO PAULO PIMENTA



Existem muitos e muitos tempos em cada ser humano e em cada sociedade. Porém, no mundo de hoje, há um tipo de tempo que não é “único e exclusivo”, mas “dominante”. Que tempo é esse, mais poderoso do que todos os outros? É o tempo que não pode ser desperdiçado, que precisa ser bem utilizado. É o tempo da produção, do lucro, da hiperatividade e do trabalho incessante ou maximizado, seja ele do homem ou da máquina. É ainda o tempo da valorização incessante do novo sobre o velho, o antigo e o obsoleto. É, em síntese, o tempo da modernidade capitalista.

joão paulo pimenta

O homem não tem natureza, mas tem história.

Eu é que agradeço a vocês, Terezinha, Fernando e Sabrina, pelo convite e organização deste evento. Também agradeço a todos os presentes, a quem devo fazer uma advertência: não sei se poderei corresponder às expectativas que em mim foram depositadas, uma vez que, após apreciarmos Carlos Drummond de Andrade, convenhamos, não há graça nenhuma em ouvir um historiador. Mas farei meu melhor, tratando de valorizar o objeto que, em si, é o cerne de nossa atividade, e que é um grande objeto em todos os sentidos. Agora entendi exatamente, Terezinha, de onde veio esse título, “mas existe o homem?”. Acho que o Fernando tinha feito a advertência que era uma passagem do Drummond, mas eu não registrei isso bem. Não foi um título que eu escolhi, foi um título que a mim foi atribuído e que aceitei, inclusive, por uma questão de educação. Mas é um título que eu jamais daria para uma fala minha, uma vez que soaria excessivamente pretensioso eu me colocar como capaz de dele dar conta satisfatoriamente. Não apenas porque sou apenas um historiador, mas porque também sou, afinal e limitadamente, humano. Feita tal advertência, começo com dois esclarecimentos. Em primeiro lugar, Drummond já deu o tom, mas nunca é demais reforçar:

por homem, aqui, estamos nos referindo a um grande e singular coletivo, que indica uma ideia possível de humanidade. Não tem nada a ver com classificações de gênero, com distinções entre homens, mulheres ou outras categorias similares. Refere-se apenas a um termo clássico, de fácil reconhecimento: homem no sentido de representante de *humanidade*. Em segundo lugar: a pergunta, “Mas existe o homem?”, pode ter um peso estético enorme, bem como um peso filosófico. Mas seu peso histórico é bastante discutível. Afinal, por ser ampla demais, bem como redundante - toda história é, estrito senso, humana - ela pode soar, no limite, como puramente retórica. Se for um pretexto para uma fruição estética ou uma reflexão filosófica, ela se justifica plenamente. Mas em muitos outros quadrantes da nossa sociedade, essa pergunta pode ser uma pergunta sem sentido. Mesmo assim, acredito que com uma argumentação histórica é possível objetivá-la e, de certo modo, respondê-la. *Mas existe o homem?* De “cara”, sim, o homem existe. Mas em que termos? Começo com uma frase do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), que se encontra em um texto escrito em 1935, *História como sistema*. Nele, afirmou Ortega y Gasset:

“o homem não tem natureza, mas tem história”. Repito: “o homem não tem natureza, mas tem história”. O que isso quer dizer? Na obra do Ortega y Gasset, quer dizer aquilo que em parte se depreende do contexto histórico e do sistema filosófico que envolvem tal afirmação. O contexto histórico pode ser muito brevemente indicado como sendo o de adensamento da consciência crítica em relação à ideia oitocentista de progresso.

O homem é aquilo que ele faz no tempo e com o tempo.

A ideia de progresso começou a ser gestada, no mundo europeu e no ocidental por ele organizado, no século XVII, e triunfou como um conceito social, normativo e central no século XIX. Quando a ideia adquiriu a força de um conceito, este ensinava às pessoas que o aprimoramento da humanidade não apenas era positivo, mas também inevitável. Foi com essa semântica fundamental que a Europa consolidou e globalizou tal conceito, esparando-o para outras partes do mundo ainda no século XIX.

Esse *progresso* ainda estava em vigência no século XX, fortemente amparado por desenvolvimentos tecnológicos originados nas diferentes fases da Revolução Industrial. A ideia de que a humanidade estava caminhando para o seu aprimoramento positivo e inevitável ainda era forte quando Ortega y Gasset escreveu sua obra; mas sendo cada vez mais

afrontada e enfrentada.

A Primeira Guerra Mundial foi um dos momentos cruciais do declínio do conceito de progresso, uma vez que escancarou as limitações de concepções de mundo a ele atreladas. Afinal, ela foi uma inaudita catástrofe criada, inclusive, pelo progresso tecnológico. Foi a primeira grande guerra ao mesmo tempo tecnológica, industrial e universal do mundo moderno. Uma guerra de aviões, submarinos, armas químicas e deslocamentos rápidos. Uma guerra à exaustão, de mutilações e massacres de não-combatentes.

Também a crise global do capitalismo de 1929 deu um golpe poderoso no conceito vigente de progresso, porque escancarou desigualdades das oportunidades, das distribuições e das benesses materiais prometidas pelo capitalismo. Já em 1929 alguns países se recuperavam rapidamente, enquanto outros levaram décadas para fazê-lo. E dentro dos países, as penalidades sociais, embora largamente distribuídas, também se mostraram profundamente desiguais. Progresso para quem e para quê? Finalmente, em 1935 havia um contexto político de ascensão do fascismo e do nazismo na Itália, na Alemanha e em outros países europeus. Na Espanha, a crise e o fim da República Espanhola, da qual Ortega y Gasset era um defensor, foi, como sabemos, um processo de dimensões mundiais, e que mobilizou corações e mentes em diferentes países. Regimes brutalmente autoritários, assentados em força militar e profundamente excludentes de

diferenças sociais, culturais e ideológicas, inclusive na União Soviética, pareciam confinar o tão sonhado progresso universal da humanidade à condição de piada de mau gosto. Pois bem, Ortega afirma que o homem não tem natureza, mas tem história, porque, afinal de contas, o filósofo está em busca de algo distinto do que ele mesmo chama de “razão natural do homem”. E aqui entra o contexto filosófico. O que seria essa “razão natural”? Seria, de algum modo, a atribuição de uma essência ao homem, relacionado a uma natureza apreensível e explicável pela ciência? Tal definição se coadunava perfeitamente com o conceito de progresso.

Em 1935, a crença na possibilidade de decodificação da natureza humana pela ciência declinava junto com o conceito de progresso que, como vimos, tinha desde as suas origens uma base fortemente cientificista. Porém, segundo Ortega y Gasset, o declínio da ideia de que o homem seria definido por uma “natureza humana” não vinha oferecendo nenhuma alternativa viável à que declinava. Insatisfatória seria, inclusive, a atribuição ao homem de uma “natureza do espírito”, como pretendia, ainda no século XIX, a tradição filosófica hegeliana. Segundo Ortega, o homem não se realizaria nem por sua natureza, nem por seu espírito. Sem “natureza” ou sem “espírito”, o homem teria “história”. Isto é, em vez de se definir por uma suposta essência, ele se definiria por uma vida, por uma trajetória, por sua realização no

mundo, pelo seu viver, estando, assim, em uma permanente reconfiguração. Essa seria a razão histórica do homem segundo Ortega y Gasset. De acordo com essa forma de pensar, se o homem é aquilo que faz no mundo, não a sua suposta essência, mas sim a sua história, o homem dotado de história é definido por aquilo que faz “no tempo”. Continuo fiel à letra de Ortega y Gasset: o homem “faz” no tempo, logo, só “existe” no tempo.

Agora, ideia minha: se o homem é aquilo que faz “no tempo”, e se essa é a sua “razão histórica”, então o homem é também aquilo que faz “com o tempo”. O homem está no tempo, é humano no tempo; contudo, ele também faz, constrói, inventa, concebe o tempo, pois não existe tempo que não seja uma construção humana.

A natureza não elaborou ideias de tempo. A natureza não chamou nada de “tempo”. O movimento dos astros não se chama “tempo”, tampouco o período de revolução dos corpos celestes ou os ciclos biológicos da vida. Quem inventou o tempo como ideia, obviamente, foi o homem. O que ele fez com o tempo? O que ele ainda faz com o tempo?

Voltando ao título geral desta jornada e pensando historicamente, entendo um pouco mais “de onde vim?” do que “onde estou?” ou “para onde vou?”. Mas claro que, quando entendemos de onde viemos, entendemos um pouco onde estamos e, com maiores dificuldades, para onde vamos. E já que chegamos até aqui, não custa continuar tentando.

É possível estabelecer uma história da humanidade a partir de uma história de suas formas de viver, pensar e representar o tempo. É, portanto, possível fazer uma história da “razão histórica” de Ortega y Gasset não apenas pela posição do homem no tempo, mas pelas muitas e muitas coisas que ele, homem, fez e ainda faz com isso que chamamos, com uma palavra tão geral que não nos diz muita coisa, de “tempo”. Se admitirmos, então, que não existe tempo que não seja tempo humano, que o tempo - mesmo o da natureza - é sempre uma criação humana, não é difícil admitirmos que nunca um homem ou uma sociedade viveram ou vivem um único tempo.

No passado, a humanidade fez muito mais com os céus do que nós fazemos hoje.

A história dá significado para o homem e define uma de suas - talvez a principal - formas de ser. Mas claro que não podemos deixar de lado as determinações biológicas da existência humana. Há aqui, de nossa parte, um certo exagero na pretensão de se substituir, por completo, uma “razão natural” do homem por uma “razão histórica”. Mas mesmo algo exagerada, tal pretensão não deixa de ser verdadeira.

Se fizermos uma história de como o homem se define ao “lidar” com o tempo, perceberemos coisas muito interessantes acerca não apenas de onde viemos, mas também acerca de onde estamos e para onde vamos. Vou agora dar al-

guns exemplos do que o homem fez com o tempo ao longo da história e como isso significou definir a si mesmo na história.

O homem, por exemplo, sempre olhou para os céus. Hoje em dia, é difícil olhar para os céus e ver algo para além de nuvens, o sol ou a lua, talvez uma estrela solitária, um helicóptero ou um passarinho. Contudo, durante a maior parte de sua existência, a humanidade fez muito mais com os céus do que nós fazemos hoje. No passado, o homem olhou para os céus e lá, muito primitivamente, distinguiu a escuridão da luminosidade; sentiu mais calor ou mais frio em certos momentos de sua vida; aprendeu bons e maus períodos para plantar, colher e armazenar. A tudo isso, o homem organizou inventando coisas que ele chamou de dias, semanas, meses, estações e anos. Os dias ele subdividiu, e inventou as horas, que nem sempre foram as mesmas coisas. As horas foram mudando ao longo da existência humana. Em algumas sociedades, por exemplo, os antigos egípcios, a primeira hora era quando o sol nascia. Então tinha início o dia. Em muitas outras, por exemplo, povos da antiga Mesopotâmia, antigos gregos e hebreus e, muitos séculos depois, os primeiros muçulmanos, os dias tinham início com o pôr do sol. O calendário muçulmano até hoje é regido dessa maneira. Outro tipo de dia, muito esquisito, hoje é quase universal: ele começa com uma escuridão, uma tal de “meia noite”. Os antigos romanos já o praticavam, mas ele só foi

oficializado no mundo todo em primeiro de janeiro de 1925. E mesmo que ele não seja o único dia praticado no mundo, a única forma de contar a primeira hora, temos que reconhecer que ele é o mais poderoso (como costume dormir cedo, bem antes da meia-noite, quase nunca eu vejo o início oficial do dia; em compensação, com frequência testemunho o nascer do sol).

O homem também agrupou dias, emparelhou meses, juntou anos e com isso ele criou uma coisa chamada “calendário”. No passado, os calendários quase sempre foram formas humanas de invenção do tempo que tinham vigência apenas em alguns momentos da vida das pessoas, em somente certos dias ou períodos do ano. Os calendários perpétuos, que estão sempre, continuamente, organizando nosso tempo, são exceções na história dos calendários. A maior parte das pessoas que já existiu nesse nosso planeta viveu, repito, segundo a lógica de calendários que só tinham alguma importância em pequenos períodos. Nessas ocasiões, um calendário começava a ter vigência quando uma autoridade política ou religiosa definia: “a partir de agora, estamos começando a contar segundo um determinado calendário”, que podia se encerrar pouco ou muito depois. Para todos os efeitos, o calendário, então, desaparecia ou “adormecia”, até ser acordado de novo, no futuro, por uma autoridade. Calendários, como invenções humanas de tempo, sempre foram também instrumentos políticos de controle, domina-

ção e reforço de hierarquias sociais.

Hoje em dia, vivemos majoritariamente sob calendários perpétuos graças àquele que é o mais conquistador, o mais imperialista e o mais poderoso de todos os calendários que já existiram: o calendário cristão gregoriano. Criado em 1582 a partir de pequenos ajustes do antigo calendário juliano (este, estabelecido em 46 a.C.), e valorizando celebrações e marcos históricos ou míticos do cristianismo, o calendário gregoriano começou a se expandir e a se globalizar como um dos braços culturais, políticos e econômicos da expansão mercantilista e religiosa da Europa que começou com as grandes navegações e que levaria a essa globalização na qual vivemos no século XXI.

Mas embora esse seja o calendário majoritário, no mundo atual existem centenas de outros. Só que são calendários que se subordinam ao gregoriano. Mesmo em sociedades nas quais esses calendários específicos têm larga tradição, como por exemplo entre bilhões de chineses, hindus ou muçulmanos, quase todos eles também vivem, de alguma forma, o calendário gregoriano, em uma convivência mais ou menos pacífica com os seus calendários específicos. Calendários inventados pelo homem, tempos inventados e vividos pelo homem.

O homem também inventou muitos e muitos instrumentos para subdividir e contar horas. Por exemplo, as clepsidras, que são instrumentos dentro dos quais o transcur-

so da água indica períodos de tempo; ou as ampulhetas, relógios de areia geralmente de vidro, nos quais a areia passa de um recipiente para o outro e assim também marca períodos. E os relógios de sol? São invenções muito engenhosas, que projetam a sombra de um determinado ponteiro fincado na terra a partir da posição de latitude e longitude que esse instrumento estiver em relação ao Sol. E claro, quando o homem sentiu necessidade, inventou também relógios mecânicos, de uso coletivo ou particular, que foram se tornando cada vez mais precisos, e que deram origem aos relógios digitais, aos relógios atômicos, aos relógios de ultraprecisão que existem hoje.

Dois tempos: o tempo de Deus e o tempo dos homens.

Os relógios mecânicos começaram a surgir na Europa, e não em outras sociedades, no final do século XIII, porque a Europa estava se expandindo em termos de população, de criação de cidades e de práticas comerciais de alcance geográfico cada vez maior. Pouco antes, tinha havido outra expansão, religiosa e militar, mas também econômica, com as Cruzadas. Povos europeus foram, assim, criando a necessidade de instrumentos de mensuração de distâncias, de contagem de volumes e de divisão das horas. Com o surgimento dos relógios mecânicos, o homem inventou também minutos, segundos e outras subdivisões

das horas, até chegar aos dias de hoje, com negócios muito curtos e muito estranhos tais como o “zeptosegundo”.

O que é zeptosegundo? Se dividirmos um segundo por um bilhão, teremos uma partículazinha de tempo, a ser novamente dividida por um bilhão: então é um bilionésimo de bilionésimo de segundo. Mas para que serve um zeptosegundo? Isso tem a ver com o desenvolvimento da ciência, em especial da ciência das pequenas coisas: 200 zeptosegundos, por exemplo, indicam o tempo que a luz leva para atravessar uma molécula de carbono. São coisas que estão muito distantes da maioria das pessoas, mas que frequentam os laboratórios e as cabeças de alguns cientistas. São concepções de tempo, inúteis no passado, mas que hoje têm alguma serventia. E é por isso que foram inventadas.

Por toda parte, o homem inventou também deuses, deusas, criaturas sobrenaturais, espíritos responsáveis pela criação e pela destruição do mundo. Essas destruições periódicas do mundo seriam uma forma de regenerá-lo e purificá-lo. O mundo deveria ser destruído periodicamente para voltar a existir. Na antiga Mesopotâmia, surgiu uma das versões mais conhecidas desse mito: o dilúvio, que foi apropriado pelos hebreus até virar um mito judaico-cristão com Noé e sua arca. Diferentemente dos astecas e dos hindus, que inventaram destruições e recriações do mundo periódicas e constantes, os judaico-cristãos estabeleceram apenas duas: o dilúvio e o juízo final.

As religiões são talvez as maiores e mais duradouras potências de invenções de tempo pelo homem. As religiões, em sua enorme variedade, são sempre concepções de mundo e, nessa condição, também concepções de tempo. Santo Agostinho, o célebre bispo de Hipona, escreveu suas Confissões no final do século IV da Era Cristã. Ele dizia:

- Se me perguntam o que é o tempo, digo que sei; se me pedem para explicar o que é o tempo, digo que não sei.

O que Santo Agostinho queria dizer com isso? Ele queria afirmar a existência de dois tipos de tempo: um tempo da eternidade e um tempo dos homens. Um tempo de Deus, que não se confunde com o tempo no qual ocorrem os eventos mundanos, no qual as pessoas nascem e morrem e no qual existem os governos, a igreja e os sucessos políticos. O tempo dos homens seria subordinado ao de Deus, mas os homens só poderiam atingir a eternidade por meio de uma operação espiritual. Essa concepção de dois tipos de tempo teve vida longa. Ela é uma poderosa criação de tempo humano, a afirmar que certas coisas não são mensuráveis, definíveis ou explicáveis pelos homens simples mortais, pois pertencem a um tempo que está na esfera exclusiva de Deus.

Nenhum ser humano vive um único tempo.

O poderoso tempo que não pode ser desperdiçado.

Pois bem, por que estou falando tudo isso?

Porque a história de todos esses tempos humanos, a história de todas as imagens, palavras, sentimentos e artefatos culturais relativos ao tempo colocou o homem em algum lugar. Na verdade, em muitos lugares. Não apenas os lugares de onde viemos - a história -, mas também os lugares onde estamos. Que lugares são esses, hoje, agora? Eles são, dentre outras definições possíveis, a forma dominante de tempo do mundo atual.

Existe hoje em dia um tempo mais poderoso do que os demais tempos que com ele convivem. Atenção: eu acabo de dizer que o mundo possui hoje em dia - também no passado sempre foi assim - não “apenas” um, mas “muitos tempos simultâneos”. Nenhuma sociedade, nenhum ser humano vive um único tempo, mas muitos: os tempos das religiões, dos calendários, do trabalho, do descanso, do viver e do morrer, da fruição estética e artística, das lembranças do passado, dos temores e expectativas do presente, da realização ou frustração do futuro. O tempo que às vezes é da pressa, às vezes do descanso. Típico da infância, da juventude, da maturidade, da velhice.

Existem muitos e muitos tempos em cada ser humano e em cada sociedade. Porém, no mundo de hoje, existe um tipo de tempo que não é “único e exclusivo”, mas “dominante”. Que tempo é esse, mais poderoso do que todos os outros? É o tempo que não pode ser desperdiçado, que precisa ser bem utilizado. É o tempo da produção, do lucro, da hiperativi-

dade e do trabalho incessante ou maximizado, seja ele do homem ou da máquina. É ainda o tempo da valorização incessante do novo por sobre o velho, o antigo e o obsoleto. É, em síntese, o tempo da modernidade capitalista. A ideia de que o tempo é algo em si, e que não pode ser desperdiçado, parece ter sido formulada pela primeira vez, na Europa do século XII. Temos isso na pena do teólogo inglês John of Salisbury (1115-1180):

“O tempo não pode ser desperdiçado; perda de tempo é pecado.”

Por que perder tempo era pecado? Porque, segundo Santo Agostinho, o mais importante dos tempos era o tempo de Deus e da eternidade; logo, sendo uma criação divina, tempo algum poderia jamais ser desperdiçado, pois isso implicaria afrontar a criação divina. Não tardou para os europeus adaptarem essa ideia de condenação da perda de tempo para interesses menos místicos e mais mundanos. Foi assim que surgiu a ideia, bem adequada à expansão comercial da Europa, de que “tempo é dinheiro”. Essa elaboração medieval foi sendo parcialmente revisada até chegar aos dias de hoje. Primeiro, porque ela é, lá nas suas origens, uma elaboração religiosa do tempo, o que lhe garantiu credibilidade e prestígio por muitos séculos. Segundo, porque se perder tempo é perder dinheiro, essa ideia pôde se ajustar muito bem a outros contextos não necessariamente cristãos, se-

quer explicitamente religiosos. É o tempo do dinheiro, algo em si meio sagrado. Sabemos muito bem como formas de pensamento econômico nos dias de hoje têm origens, sobretudo a partir dos séculos XVIII e XIX, em concepções religiosas de mundo, nas quais as verdades de dogmas religiosos forneceram bases para o surgimento de dogmas econômicos (mesmo que muitos de seus atuais praticantes não percebiam ou não queiram admiti-lo).

O tempo da modernidade capitalista começou a ser preparado, no plano intelectual, na cristandade medieval europeia. Mas só deslançou a partir da Revolução Industrial, principalmente no século XIX, quando esse tempo começou a pautar todos os interstícios da vida social. E de lá chegamos até aqui, a esta situação que todos vivemos atualmente, na qual o tempo da modernidade capitalista se impôs como um tempo dominante, como se fosse absoluto, como se não existisse alternativa a ele. É um tempo especializado em efeitos deletérios, pelo menos para quem tem uma consciência crítica de como é a sua vida: ele nos pressiona, porque estamos sempre com a falta de tempo; ele é volátil, está sempre correndo e sempre parece nos escapar, criando a sensação de que somos incapazes de controlar o nosso próprio tempo, nossa própria vida.

É um tempo que cria e estimula desenraizamentos sociais, descontinuidades de relações humanas, familiares, comunitárias. É um tempo que define coisas (objetos, práticas,

ideias, e também pessoas) como sendo, por natureza, inferiores às novas. Por que as pessoas chamadas de “velhas” são consideradas feias e descartáveis? Porque, nas lógicas temporais da modernidade capitalista, elas são pouco ou nada produtivas, ineficientes ou incapazes de, por meio de atividades ininterruptas e aceleradas, gerar lucro. Assim, nosso tempo dominante criminaliza a depressão, desvaloriza a individualidade subjetiva, desqualifica o luto e a memória, sequer nos permite morrer lentamente. Tudo deve correr, sempre, em franca atividade... produtiva. Quem nunca pensou:

- Nossa, já estamos em junho ou julho, como esse ano está correndo.

O ano não está correndo. Em termos matemáticos, o ano é mais ou menos a mesma coisa desde que ele começou a ser definido com essas medidas matemáticas que nós temos para definir o que é o ano (ou os meses, as semanas, um dia, as horas, um minuto). Desde que isso foi estabelecido, matematicamente, ele está sempre mais ou menos igual.

Eu disse, cuidadosamente, “mais ou menos a mesma coisa”, porque nessa semana eu li uma notícia estranha, muito interessante e verdadeira. Há pouco vivemos um dia que foi o mais curto da história recente da terra.

O dia, a princípio, é o intervalo de tempo que a terra leva para fazer um movimento de rotação em torno do seu próprio eixo. Não é essa uma boa definição para “dia”? Só que esse movimento não é puramente uma definição

científico-matemática: ele tem uma correspondência com o tempo dominante da modernidade capitalista, do trabalho, da produção, do lucro, da pressa e de uma mensuração incessante de tudo, e que passa a ser tematizado em escalas cada vez menores. Assim, pode-se mensurar que a Terra girou, digamos, alguns décimos ou centésimos de segundo mais rápido do que de costume. Não deixa de ser incrível...

Para a imensa maioria da humanidade, na prática, isso não quer dizer absolutamente nada. Variações muito pequenas no movimento de rotação da terra são normais, mas imperceptíveis à avassaladora maioria das pessoas. Porém, quando dizemos algo como “nossa, como o tempo está correndo rápido” ou “parece que o tempo voa cada vez mais depressa”, estamos acusando os golpes das pressões desse mesmo tempo da modernidade capitalista que criou a demanda e permitiu a prática de mensurações matemáticas ínfimas. E assim podemos novamente nos perguntar: “aonde quero chegar”, se vivemos dessa maneira? Existe alternativa?

A história das relações do homem com o tempo mostra que sim, existem alternativas. Ao destacá-lo, já vou encaminhando para o final da minha exposição.

O declínio da ideia de um tempo absoluto

Há um outro capítulo dessa história das vivências, pensamentos e representações huma-

nas do tempo que convêm abordar agora: é a passagem da concepção de um tempo “absoluto” para um tempo “relativo”. Os antigos filósofos gregos conceberam o tempo como uma decorrência das coisas, do movimento das coisas (para Platão, o tempo era a imagem movente da eternidade) e, se as coisas tinham uma essência (isso é mais Aristóteles do que Platão), o tempo poderia ser algo em si. A leitura medieval dos antigos gregos, em uma chave agostiniana, consolidou a ideia do tempo em si, do tempo absoluto.

No século XVII europeu, o século da chamada “revolução científica”, triunfa a concepção de um tempo absoluto: o tempo que flui independentemente da vontade humana ou dos fenômenos da natureza. Quando Galileu Galilei (1564-1642) fez suas experimentações em torno da aceleração ou quando Isaac Newton (1643-1727) formulou seus princípios matemáticos para explicar o mundo, eles partiram do pressuposto de que as coisas só eram observáveis na natureza, admitindo-se um referencial fixo, um referencial externo aos fenômenos. O tempo seria então o tempo absoluto. Galileu, Newton e outros cientistas do século XVII formularam isso de maneira muito clara. No entanto, não é assim que o tempo é pensado hoje em dia. Embora muita gente acredite que exista um tempo independentemente dos fenômenos, e diríamos nós, aqui, independentemente do homem, não é bem assim. O tempo não é uma coisa só. No final do século XIX, esse tempo absoluto começou a ser

relativizado por várias frentes. Por exemplo, de maneira prática, por engenheiros, por técnicos que estavam construindo ferrovias e cabos telegráficos, e que estavam sincronizando horas em diferentes pontos do mundo, com distâncias geográficas muito grandes, e que foram percebendo que era impossível uma mensuração precisa e absoluta de um tempo supostamente universal. Eles perceberam que uma hora em um lugar não era a mesma uma hora no outro lugar; que não era possível tratar o tempo de um determinado ponto como sendo o mesmo tempo de outro ponto dele distante, digamos, 10.000 quilômetros. O tempo, assim, começou a se relativizar pelo espaço.

A dessacralização do tempo leva a uma humanização do tempo

Mais ou menos na mesma época, o tempo começou a ser relativizado também na filosofia. Por exemplo, o pensamento do Henri Bergson (1859-1941), para quem o tempo é duração. A duração bergsoniana é um estado de consciência, depende de um estado psíquico; o que, por um lado, batia de frente com a concepção de mundo grego; mas que, por outro, se aproximava do desenvolvimento religioso de um tempo absoluto, de um tempo independente dos fenômenos e das pessoas. Outro Henri, o Henri Poincaré (1854-1912), um grande matemático da época, também elaborou princípios de relativização do tempo. É fundamental mencionar, ainda, a psicaná-

lise: por que ela começou a surgir no final do século XIX e não em outras épocas? Não porque Sigmund Freud (1856-1939) tenha “descoberto” a psicanálise, evidentemente, mas sim porque ele inventou a psicanálise em um ambiente propício a tal invenção, um ambiente de declínio da ideia de um tempo absoluto. A psicanálise está fundamentada, dentre outras coisas, no tempo da vivência pessoal. Portanto, não pode haver um tempo absoluto, se o que importa é a experiência de vida de cada indivíduo, ainda que essa experiência siga pressupostos estruturais comuns da sociedade do indivíduo. Daí a possibilidade de se teorizar acerca do psiquismo.

Chegamos, então, a Albert Einstein (1879-1955), sim, outro grande pensador, mas não porque ele estivesse à frente do seu tempo (Freud tampouco estava). Nada está à frente do seu tempo. Tudo está no seu tempo. Não porque ele tenha pensado algo que ninguém mais poderia pensar, mas sim porque ele pensou de maneira especialmente acurada, contundente, algo que a sua época o estava estimulando a pensar: a relativização do tempo que vinha sendo elaborada e praticada em muitos quadrantes da sociedade daquela época. A teoria da relatividade, então, não é criação de uma genialidade individual, mas sim o produto social de um contexto histórico que estava tornando o tempo absoluto obsoleto, disfuncional.

Antes de fins do século XIX, as pessoas não precisavam de uma teoria da relatividade, da

psicanálise ou de uma filosofia da duração. Na Austrália dos aborígenes, no império mongol dos Khan, na América dos astecas ou na Europa mercantilista, ninguém tinha necessidade de nada disso. Essas necessidades foram sendo criadas no século XIX, não apenas com o desenvolvimento do tempo acelerado da modernidade capitalista, mas também com as suas consciências críticas: filósofos, cientistas, artistas...

O que os diz a teoria da relatividade? Muito, muito brevemente: diz que o tempo depende do espaço. Por quê? Porque existem coisas na natureza que deformam o tempo. A deformação do tempo implica que as coisas são mais rápidas ou são mais lentas a depender, basicamente, de dois fatores: de gravidade e de velocidade. A gravidade criada pela massa dos objetos, e a velocidade de seus deslocamentos, deformam o espaço e o tempo. O tempo não é idêntico para duas coisas submetidas a gravidades diferentes. O tempo não é o mesmo quando está sendo observado para dois objetos em lugares ou com velocidades diferentes. E tudo no universo está submetido a gravidade e está em deslocamento, nada está totalmente parado.

Portanto, não existe um tempo absoluto, único da natureza. O tempo - isto é uma constatação físico matemática - passa mais lentamente, por exemplo, para quem vive no primeiro andar de um edifício do que para quem vive no 15º. Por que o tempo no 15º andar é mais rápido? Porque no primeiro andar

sofre-se mais gravidade, criada pela grande massa do planeta terra, que é o centro da terra. Quem está no 15º andar sofre menos essa gravidade, portanto lá o tempo passa mais rápido. Mas viver longe das alturas não é uma boa estratégia para retardar o envelhecimento de ninguém, porque as diferenças entre as duas situações são muito pequenas, praticamente imperceptíveis, e só podem ser mensuradas com relógios de altíssima precisão.

Na natureza, portanto, não existe um tempo absoluto. O tempo é sempre relativo, vários tempos. Por que fiz essa explicação aqui, do declínio da concepção de um tempo absoluto em prol de um tempo relativo? Porque a relativização do tempo é, de certo modo, uma perspectiva fortemente histórica. Einstein e todos aqueles que hoje praticam a teoria da relatividade e seus pressupostos estão focados não nas pessoas (não são cientistas sociais), mas sim na natureza e, claro, nos componentes naturais das pessoas. No entanto, se pensarmos em termos de tempos da sociedade, quando observamos os tempos da história, constatamos que nunca existiu um único tempo. Sempre existiram muitos, mesmo quando os tempos se organizam em torno de um tempo dominante, como esse tempo da modernidade capitalista dos dias de hoje. O que eu quero dizer então - e com isso concluo - é que a transição parcial de uma "razão natural" para uma "razão histórica" pode ser pensada como uma atitude crítica de

transição de um tempo supra-humano (único e absoluto) para um tempo profundamente humano (plural e relativo). A dessacralização do tempo, que levou a uma humanização do tempo, tem como corolário obrigatório que, se todos os tempos são em última instância criações humanas, eles são parcialmente controláveis por quem os criou: o homem. Claro, o homem também cria coisas que fogem ao seu controle. O caso do aquecimento global é um exemplo contundente. Foi o homem que provocou o aquecimento global? Sim. Então basta ele querer para reverter o aquecimento global? Não. Pode ser que o aquecimento global já tenha escapado do controle humano; certamente ele pode mitigar seus efeitos ou até mesmo diminuir a aceleração do aquecimento global. Mas há cientistas que dizem que talvez já estejamos em um ponto de não retorno, ou muito próximos dele.

Nem tudo que o homem cria, ele consegue controlar. Mas a consciência do tempo, como uma criação humana, encontra uma correspondência na ideia de que aquilo que define o homem não é algo a ele imanente, mas algo histórico. E assim, se temos queixas em relação ao tempo dominante sobre cuja égide vivemos atualmente, podemos manejá-lo criticamente, pelo menos em alguns dos seus aspectos, se é que não conseguiremos mais abolir esse tempo e propor sua substituição por outro, de alguma forma, melhor.

Voltamos a Ortega y Gasset. Penso que ele tinha certa razão ao propor uma "razão his-

tórica”, não como substituição completa de uma “razão natural”, mas para identificação e valorização do homem como homem, ou seja, como agente de sua história. Um homem que existe em função daquilo que vive e daquilo que faz, em função de sua história e dos tempos da história, que são sempre criações humanas.

Se isto tudo tem algum sentido, terei agora o maior prazer de ouvi-los e de ouvi-las.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A transição de um conceito de natureza humana para o de condição humana

Obrigadíssima, João. Ganhamos esse maravilhoso tempo que você nos trouxe. Creio que não falo só por mim, mas por todos que aqui estão. Muitos terão vontade de propor questões, perguntas e considerações. Mas antes eu queria lhe dizer que nada poderia ser melhor do que nossa escolha de você, do seu pensamento e da sua palavra, para iniciarmos os trabalhos. Quando fizemos a pergunta “que caminhos temos trilhado para chegar a estas humanidades”, antes de mais nada, estávamos pensando na perspectiva da história. Vamos então refletir sobre essas invenções-intervenções do homem no tempo.

Acho excelente o que você nos traz a propósito do que o homem faz com o tempo. Não é só “no tempo”, mas “com o tempo”, em uma perspectiva de invenção-intervenção. E você

nos ajuda quando busca Ortega y Gasset, que afirma que “o homem não tem natureza, mas tem história”. Temos explorado a ideia de que, mais do que uma natureza, mais do que uma essência do ser humano, deveríamos falar em “condição humana”, isto é, inserção do sujeito dentro de um contexto e na perspectiva de receber influências desse contexto bem como influenciá-lo. Então, acho que a ideia de transição de um conceito de natureza para o de condição é fundamental. Eu queria que você explorasse essa perspectiva de um tempo de todos, embora cada um tenha o seu tempo, como você afirmou, um tempo chamado “presente”. Você não chegou a falar dessa tríade - passado, presente e futuro -, mas eu queria que você a pensasse conosco. Assim, eu só faço história, só faço alguma coisa com o tempo em um tempo, em um momento. Temos a mania, muitas vezes, principalmente nós, os mais velhos, de dizer: “no meu tempo...” E sempre brinco dizendo, o único tempo que tenho, é este. Este é o meu tempo, é o seu, é o do meu neto, este momento, digamos, que estamos vivendo. E uma última coisa: na filosofia, principalmente atualmente, temos explorado muito aquelas perspectivas do tempo “chronos, kairós, aión,” sentidos dados ao tempo. Isso também acho que é algo para explorarmos. Muitíssimo obrigada. Um beijo para você.

JOÃO PAULO PIMENTA

O tempo de todos é uma síntese de muitos tempos

Obrigado, Terezinha. Como historiador, aprendi em um determinado momento do meu pensar e do meu vafazer História que só nos interessa a individualidade daquele indivíduo que é, representativamente, uma individualidade comum, compartilhada. Por quê? Porque se estivermos nos preocupando com o indivíduo que não é coletivo (e que, em última instância, sequer existe), estaremos forçosamente distorcendo a realidade, voltados a exceções sem compreendermos as regras. Não existe um indivíduo que seja completamente individual, embora exista, isso sim, uma concepção de indivíduo, que é, justamente, uma concepção, um construto intelectual, e é relativamente nova na história da humanidade.

O individualismo moderno também tem a sua história, uma história parcialmente convergente e que flerta com essa história que esbocei do surgimento e da consolidação do tempo dominante da modernidade capitalista. Também é possível se escrever uma história do estabelecimento do indivíduo como o locus preferencial de uma sociedade. A crença cega nisso, contudo, é uma ilusão. A constatação dessa crença é a constatação de um dado da realidade, de um fenômeno histórico a ser observado e explicado; mas acreditar que o indivíduo é apenas, ou principalmente, “in-

divíduo”, e não “sociedade”, é uma ilusão. Pois bem, o indivíduo só faz aquilo que a sociedade “permite” que ele faça. Não quero dizer “permitir” no sentido estrito, de alguém autorizar legalmente determinada ação por parte de outrem, mas de submissão - muitas vezes inconsciente - a leis, códigos sociais, tradições, crenças, costumes e tradições, relação de mando, de poder, de reciprocidade e de obrigações. Isso também sempre existiu.

No entanto, o indivíduo só pode fazer aquilo que está dentro das condições de possibilidade do seu tempo, isto é, da sua história como parte de uma sociedade. Por isso que anteriormente eu disse, de passagem, que não existe ninguém à frente do seu tempo. Presupor tal condição é uma aberração, implica a presunção de que alguém pode estar prevenido o futuro, pode estar adiantando o futuro, chegando a um futuro que já estaria pronto em algum lugar antes do que outras pessoas. O tempo de todos é uma síntese de muitos tempos, e essa síntese gera uma unidade, uma estrutura. Em todas as sociedades, existem estruturas temporais que são as sínteses dos muitos tempos vividos, pensados e representados por essa sociedade, inclusive aqueles de cada indivíduo, de cada vida e de cada psiquismo. Desde sua origem, a psicanálise sempre lidou muito bem com isso: só é possível analisar um indivíduo se seu terapeuta entender as particularidades daquele indivíduo como sendo representativas e, de

certo modo reiterativas, de uma determinada sociedade (Freud sempre foi, em certa medida, sociólogo, em alguns textos mais, outros menos).

Então, não existe indivíduo puro e absoluto, nunca existiu e nunca existirá. Assim, essas expressões como “no meu tempo” ou “do meu tempo” só tem alguma legitimidade se referidas a um tempo que se refere a um ser singular coletivo, porque nunca temos um único tempo apenas nosso, apenas de um indivíduo. Por isso, do ponto de vista do rigor linguístico, o mais adequado seria “no nosso tempo”, “no tempo daquelas pessoas que viveram...”.

Só podemos afirmar ou intuir que um certo tempo deixou de existir porque, como criações humanas, os tempos são fenômenos quase sempre de transformação lenta. Não se inventa um tempo novo a cada dia, a toda hora. É possível, assim, observar como a síntese dos muitos tempos de uma sociedade vai se transformando e agregando novos elementos. A transformação dos tempos humanos nunca é uma transformação abrupta. Temos um bom exemplo nas nossas atuais mudanças de linguagem, porque a linguagem também é um fenômeno social, também está sempre se transformando. Mas, de repente, nós que temos já uma certa idade, que temos filhos ou netos, ou então somos professores, tivemos que aprender a falar “todes” em vez de “todos”, tivemos que declinar pronomes correndo o risco de sermos acusados de comportamentos

socialmente condenáveis.

No meu caso, uma palavra que me custa incorporar ao meu linguajar é “escravizado”, porque aprendi história - e creio poder dizer que tive uma boa formação - lendo e falando “escravo”, e sem que tal termo implicasse qualquer sentido pejorativo àqueles que sofreram - ou ainda sofrem - a brutalidade da compulsão ao trabalho, do racismo etc. Em termos políticos, a substituição de “escravo” por “escravizado” carrega uma legítima carga de denúncia; mas, do ponto de vista dos rigores intelectuais e conceituais imprescindíveis ao estudo da história, não faz muito sentido. Se nos referimos a uma política da linguagem, verificamos então que há dinâmicas muito recentes e ainda em curso. E daí surgem pessoas mais “jovens” que já estão sendo educados política e formalmente com essa linguagem, e que começam a cobrar os mais “velhos”, querendo impor-lhes “um dos tempos sociais” como se fosse “um tempo absoluto”.

Isso pode sinalizar para uma falta de compreensão de que as pessoas vivem em sínteses temporais, só que com componentes que diferem para cada indivíduo. O tempo de uma pessoa que tem 14 anos e de uma pessoa que tem 80, em muitos sentidos, esses singulares coletivos, o tempo delas será diferente, embora, se elas estão convivendo em um mesmo mundo, - também haverá muitos pontos em comum. E é assim que acho que temos que pensar passado, presente e futuro. O passado é algo

que já deixou de ser, mas nunca as coisas deixam de ser completamente. Assim como o presente é algo com uma permanente crise de identidade entre o passado e o futuro. E o estudo da história permite a abertura de novos tempos, inclusive de futuros.

Mas nem todo mundo pensa ou se preocupa com o futuro. O que não quer dizer que o futuro não possa ser uma categoria social válida. Então, pensar passado, presente e futuro significa, para mim, entrar nos meandros dessas estruturas temporais e ver “como uma determinada época pensa tais ideias”, passado, presente e futuro.

Estava conversando esses dias com meu filho de 18 anos sobre isso. O que é pensar o futuro para alguém de 18 anos? É diferente de pensar o futuro para alguém que tem 50 anos. E quando eu tinha 18 anos, pensar o futuro também era diferente do que é hoje. Isso significa que cada um está pensando o futuro de uma maneira totalmente nova, puramente individual? Não. Significa apenas que, compartilhando as mesmas estruturas temporais, as pessoas podem dar a seus componentes ênfases diferentes, a depender não apenas de suas idades e das fases da vida em que se encontram, mas também dos grupos sociais aos quais pertencem, a depender de suas formações e experiências individuais.

JOÃO PAULO PIMENTA

A história dos termos relativos a tempo é uma história fascinante de desenvolvimento de formas de pensar o próprio homem

Agora, a questão dos termos gregos e suas concepções de tempo. Eu desenvolvi isso no meu *O livro do tempo: uma história social*, das Edições 70. Termos gregos como *chronos*, *kairós* e *aión*, dentre outros, são muito interessantes, porque eram utilizados em uma sociedade que não necessariamente estava conceitualizando esses termos do modo como nós o fazemos. O que quer dizer “tempo”? Quando nos deparamos com essa palavra, não encontraremos uma correspondência perfeita em outras línguas. Se essas línguas forem da mesma época, do mesmo tronco, possuem fronteiras compartilhadas, pode ser que sim. Mas, mesmo assim, discrepâncias poderão existir: “time”, em inglês, pode ser utilizado para coisas distintas daquelas que, em português, são referidas por “tempo”.

O que quero dizer é que a história dos termos associados a “tempo” é uma história fascinante de desenvolvimento de formas de pensar o próprio homem. E aí aquela dificuldade, Terezinha: não sabemos com absoluta precisão o que o grego queria dizer com o *Kairós*, em 500 antes de Cristo, menos ainda os modos pelos quais ele eventualmente escrevia e, principalmente, pronunciava e escutava tal palavra. Uma aproximação pos-

sível e válida é o que nós acreditamos que o grego kairós significava majoritariamente “circunstância”, “momento”. Ou ainda aión (um tempo longo, uma “eternidade”) e chronos (um tempo abstrato, criado por marcos). Há que se fazer também um estudo de história para se perceber esses desenvolvimentos. Inclusive das próprias definições do homem como homem. Respondi satisfatoriamente suas duas perguntas, Terezinha?

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Claro. Obrigada, João. Vamos agora passar às questões dos outros amigos que aqui estão. A primeira pergunta é de Anaximandro Orleans Calle de Paula:

- O que o homem está fazendo (ou deixando de fazer), em tempos da Covid-19, que possa já ter definido para onde a humanidade está indo?

JOÃO PAULO PIMENTA

Vivemos em uma época que desprestigia o passado como fonte de ensinamentos para o futuro

É uma das questões inescapáveis na nossa época, do mundo em que vivemos (e ao qual muitos conseguimos sobreviver). Eu teria apenas duas coisas a dizer sobre isso, Anaximandro. A primeira é o seguinte: durante séculos,

muitas pessoas acreditaram que o passado ensinava como seria o futuro. Há uma expressão latina para representar essa concepção, é uma expressão do Cícero: Historia magistra vitae. História, mestra da vida.

A concepção implicava que se estudava o passado para se viver o futuro com segurança. Por quê? Porque no passado estavam os ensinamentos sobre o futuro, e o futuro nunca seria completamente descolado do passado. Era uma visão de mundo. Muitas sociedades viveram sob esse conceito, com variações. Mas o sentido da expressão, desse pensamento, era de que a história “fundamentalmente” ensinava “coisas fundamentais”. A história era a mestra da vida.

Essa concepção começou a entrar em declínio com a Revolução Industrial e com as grandes revoluções políticas do mundo ocidental de finais do século XVIII e começos do XIX. Ela começou a se tornar incompatível com o tempo dominante da modernidade capitalista. O passado foi deixando de ser importante, pois o que realmente deveria guiar os homens era o futuro. Mas um futuro novo, e não velho. Um futuro sempre melhor do que o passado, aprimorado pela força irrefreável e benigna do progresso. Um futuro a ser produzido a cada instante, o tempo todo, e cada vez mais rapidamente.

Como vimos anteriormente, a constante reprodução do novo como um valor se coaduna perfeitamente com a própria lógica de reprodução do capital, que é uma das essências do

sistema capitalista que começou a ser criado e que, em suas premissas essenciais, continua em vigência. Seguindo essa lógica, não é mais possível acreditar que a história seja a mestra da vida. Embora tal ideia continue existindo residualmente, como uma espécie de fraca resistência ao tempo dominante da modernidade capitalista.

Há muita gente que ainda acredita na necessidade de se estudar o passado para fazer alguma coisa com ele no futuro. Para aprender, para aprimorar, para não repetir erros. Por exemplo, diríamos nós, para que em uma eventual nova pandemia, governos nacionais e organismos internacionais não repitam essa vergonha em escala planetária que foram muitas das políticas de combate ao vírus, inclusive - com amplo destaque negativo - no Brasil.

É perfeitamente plausível achar que, estudando a história dessa pandemia terrível, seja possível aprender algo de útil para o futuro. No entanto, acho que a chance de isso acontecer é pequena. Por quê? Porque vivemos em uma época que desprestigia o passado como fonte de ensinamentos para o futuro. Muitos conseguimos sobreviver à pandemia, e as vacinas, desenvolvidas em tempo recorde por cientistas, empresas e certos governos, e aplicadas por agentes sanitários em condições quase sempre adversas, foram uma salvação para a humanidade. Não há nenhuma dúvida quanto a isso.

Mas acho que daqui a alguns anos, quase

ninguém vai ter aprendido nada com isso, a maioria das pessoas e dos governos se comportará mais ou menos do mesmo jeito, a distribuição de vacinas e dos serviços de saúde seguirá as mesmas assimetrias sociais e transnacionais de sempre. E quem sobreviver a tudo isso ainda terá que aguentar milhões de pessoas a acreditarem que vacinas, ao invés de salvar pessoas, as matam.

Um tempo passando muito rapidamente, dentro de um tempo específico, e um tempo mais próximo que não passava.

A segunda coisa que tenho a dizer: Anaximandro, talvez você tenha vivenciado, como muitos de nós, o confinamento social, um isolamento que criou uma experiência temporal estranha. Por vezes, uma grande monotonia em que as coisas pareciam não acontecer, envolvidas em um tempo estacionário. Mas simultaneamente, era um tempo que corria muito rapidamente. Havia um transcurso do tempo, os dias, as semanas, os meses, e esses dois anos em certo sentido passaram muito rapidamente, embora estivéssemos como que aprisionados em cápsulas de tempo estacionárias. Essa foi uma dupla e contraditória percepção de parte da sociedade, apontada inclusive por sociólogos, antropólogos e outros cientistas sociais. Houve quem estudasse esse fato, realizando um diagnóstico de um fenômeno social: o tempo passando muito rapidamente, dentro de um tempo específico, e um tempo

mais próximo que quase não passava. A aparente incongruência desse duplo tempo é, na verdade, perfeitamente coerente com algo que enfatizei anteriormente, e mostra como nunca vivemos um único tempo, que estamos sempre submetidos a uma pluralidade de tempos que vão estabelecendo relações, assimetrias e, eventualmente, hierarquias entre si.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A seguir temos uma pergunta do Ismael Oliveira, que é um companheiro, professor de filosofia. Diz ele:

- O poeta Gilberto Gil trata o tempo como rei. Professor João Paulo: estamos a serviço do tempo, somos vassallos do tempo, ou existem outras possibilidades?

JOÃO PAULO PIMENTA

Quanto mais as pessoas economizam tempo, mais elas querem economizar tempo.

Penso que somos vassallos com potencial subversivo.

O tempo como rei é uma imagem que pode ser belíssima. É uma imagem, inclusive, que tem a sua história. Também analisei um pouco dela no meu O livro do tempo. O tempo como rei pode ser, por exemplo, o deus sol dos romanos ou o deus sol dos incas. Um deus sol porque, claro, se refere a uma observação celeste fundamental para a organização

da vida, com a luminosidade do dia, do conhecimento, da proteção, do calor. O deus sol romano foi descaradamente substituído, no cristianismo primitivo, por Jesus Cristo. O dia da festa do Sol romano virou dia do nascimento de Cristo, como um tipo de dispositivo de jogos de poder que tantas vezes permeiam as religiosidades e os tempos das religiosidades humanas.

Eu diria, então, que somos vassallos do templo porque, como vimos, não controlamos totalmente as criações humanas, principalmente as anteriores a nós mesmos. Quando nascemos, já nascemos em uma sociedade que tem os seus tempos. No entanto, a tomada de uma consciência crítica em relação a isso, se não muda por completo a estrutura temporal em que vivemos, pelo menos pode nos fazer um pouco mais felizes e um pouco mais saudáveis nas nossas relações com o tempo.

Há um livro, já tem uns 10, 15 anos, de um sociólogo alemão, Hartmut Rosa (1965) muito interessante, chamado Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade, da editora da Unesp. Rosa escreve que é praticamente impossível modificar uma estrutura temporal como a estrutura temporal da modernidade baseada na aceleração. E que quanto mais as pessoas economizam tempo, mais elas querem economizar tempo. Veja que coisa interessante. Quando as pessoas compram um eletrodoméstico, que permitirá a otimização de certas tarefas, poderíamos pensar que, ao economizar uma parcela de

tempo, essa pessoa está resistindo e combatendo o tempo da pressa, está desacelerando uma parcela de sua vida cotidiana, pois ela poderá dispor de mais tempo livre. Mas não é o que costuma ocorrer. A economia de tempo parece criar uma necessidade permanente e acelerada de novas economias de tempo, o que é uma reiteração da pressa e não do descanso. É uma reiteração da aceleração e não da desaceleração do tempo.

Mesmo assim, se é difícil mudar as estruturas temporais do mundo, o que escapa a qualquer ação puramente individual, certamente é possível desenvolver maneiras de viver e sobreviver melhor. Talvez, como vassalos do tempo, estejamos confinados a continuar prestando obediência ao nosso rei, mas que pelo menos consigamos fazer com que esse rei escute algumas de nossas reivindicações e se dobre a algumas de nossas necessidades não atendidas.

ARTHUR HARDER

Professor, poderias falar um pouco sobre o nosso tempo presente, considerando essas ideias correntes no campo da história de "regime de historicidade presentista" (François Hartog [1946])¹, "passados presentes"

1 Ver na Revista de História, nº 172, primeiro semestre de 2015, p. 399, História do presentismo, história presentista? A propósito de regimes de historicidade, de François Hartog, artigo/resenha de João Paulo Pimenta a propósito da tradução brasileira do livro de François Hartog, Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo, da Editora Autêntica. <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/98813/97373>

(Andreas Huyssen [1942])²? Vês nosso presente dessa forma, um presente que não consegue vislumbrar o futuro, um "presente preso nele mesmo"?...

JOÃO PAULO PIMENTA

O presente como resultado coerente das forças de aceleração do tempo.

Na prática, as pessoas agem sem passado e sem futuro, coletivamente.

Sim, como diagnóstico de uma tendência dominante, esse presentismo faz sentido. O que é o presentismo desses autores? Estou colocando a convergência entre eles, que é a seguinte: se admitirmos passado, presente e futuro - voltando à Terezinha - como percepções de tempo, o que é uma percepção de tempo socialmente válida? As pessoas se referem a "passado" como sendo certas coisas, a "presente" como outras diferentes, a "futuro" como outras mais. Em termos práticos, de suas vivências cotidianas concretas, as pessoas pensam passado, presente e futuro como coisas diferentes entre si. E na estrutura temporal dessa modernidade capitalista, um deles tem ampla prevalência sobre os outros dois, que é o presente. As pessoas em geral estão muito menos preocupadas com o futuro

2 Referência: obra Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia, de Andreas Huyssen, editora Aeroplano, 2000. Ver artigo/resenha de Gustavo Grein, "Passados presentes: mídia, política, amnésia" [...], no blog De tudo um pouco. <https://lendoeuaprendo.blogspot.com/2013/06/passados-presentes-midia-politica.html>

(menos ainda com o passado) do que estão com o presente, porque o presente é resultado coerente das forças de aceleração do tempo, de consideração de que o tempo não pode ser desperdiçado, que o tempo é dinheiro, que uma pessoa digna vive para acumular cada vez mais dinheiro, que uma pessoa não pode perder tempo. Enfim, todas essas concepções jogam o indivíduo nessa representação social dominante do presente.

Como vimos, a história é vista como sendo cada vez menos útil socialmente como material de ensinamentos para o futuro, e o futuro é cada vez menos planejado, embora continue a ser pensado. Assistamos a um debate político agora que estamos em época de eleição. Todo o mundo fala em nome do futuro o tempo todo, não é assim? Porque falar em nome do futuro tem legitimidade social, é sedutor aos ouvintes. No entanto, a maioria das políticas públicas efetivamente implementadas são muito imediatistas. Dificilmente são pensadas para 10, 15 ou 20 anos, dificilmente transcendem os horizontes de um determinado mandato, embora o discurso do futuro seja um discurso dotado de grande peso. E o eleitorado espelha bem tal postura. Na prática, as pessoas agem como se não houvesse passado e futuro, apenas presente. Nada disso significa que a modernidade deixou de existir, que a pós-modernidade se instaurou com o presentismo na sua bagagem. Acho que é próprio da modernidade, no estágio em que a modernidade se encontra, esva-

ziar o passado e o futuro, embora ela esteja sempre falando em nome do futuro. Mas, na prática, ela esvazia o futuro. Na prática, o que resta é o presente.

LUCIANA LACHINI

Essa "presentificação" poderia estar ligada também ao fim das utopias e da possibilidade de imaginar mundos diferentes?

JOÃO PAULO PIMENTA

O projeto utópico se justifica como uma resistência às insuficiências de um mundo que está preso demais no presente

Sim, sem dúvida alguma. As utopias não acabaram totalmente e o pensamento utópico ainda tem modalidades vigentes no mundo atual, mas que são muito residuais. O que é um pensamento utópico? É um pensamento que insiste na concepção de um futuro ideal ou, pelo menos, de um futuro melhor, a despeito das evidências contrárias à possibilidade de que esse futuro se concretize. É uma espécie de meio do caminho entre um planejamento e um sonho. O projeto utópico se justifica como uma resistência às insuficiências de um mundo que está preso demais ao presente. Então, ele precisa ser um escape, mas, ao ser um escape, ele é também uma afronta a essa forma dominante de se viver no presente. As utopias já foram muito mais prestigia-

das na história da humanidade. Nos séculos XVIII, XIX, sobretudo o século XIX, que foi o século por excelência das grandes utopias (em parte, porque foi também o século também do progresso). Naquela época era mais fácil, na imensa maioria dos países do mundo, as pessoas pensarem em um futuro melhor, porque a ideia de progresso lhes dizia que esse futuro era inevitável. Hoje, as pessoas até podem pensar nas possibilidades de um futuro melhor, mas ele deixou de ser inevitável. Esse declínio do conceito de progresso fez surgir uma modalidade de “utopia pessimista”, que costumamos chamar de “distopia”. Hoje, como representações sociais de tempo, as distopias são ainda mais fortes do que as utopias, porque elas são menos idealizadas, romantizadas, e mais críticas, sombrias, denunciadoras. Mas distopias são formas de utopia também, só que utopias negativas, pessimistas. Elas entendem que o futuro será pior e não melhor, e que a culpa disso é do presente. É significativo, assim, que em um mundo presentista, o futuro só possa ser levado a sério não mais como sonho, mas como pesadelo. Como algo ainda pior do que o presente. E quem quiser escapar desse presente majoritário, que arque com as consequências.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, João. Quero insistir aqui que a nossa proposta, o nosso projeto atual, quer ter um caráter utópico. Utópico no sentido

de ser esse ideal que você mencionou e que chamamos de algo que é desejado e necessário, e que só não será uma quimera se for possível. E aí acho que temos que abrir os olhos criticamente, no sentido de verificar onde estão as possibilidades do ideal neste real que estamos vivenciando. Quero um mundo mais justo, porque tenho experiências de justiça. Quero uma vida feliz, porque tenho experiências, pequenas, poucas etc., mas existentes, o que me dá a possibilidade de dizer que a utopia não é o que é impossível de existir, mas é o que “ainda não existe”. Ainda é a expressão da esperança. Quando eu digo ainda não somos os professores que queremos ser, significa que, quem sabe, a gente chega lá. É nessa medida que sustentamos esse caráter utópico.

Sabrina já pôs uma referência ao trabalho que vamos fazer na próxima quinta-feira, mas como a inscrição foi por mesa, quero brevemente dizer que começamos brilhantemente com o João e temos a esperança de seguir adiante na próxima quinta, com o professor Ladislau Dowbor, que vai explorar o tema: *Ganharás o teu pão com suor*. Vamos na próxima semana ter dois encontros. O primeiro, na terça-feira, com Rita von Hunt, que vai explorar o tema da comunicação. “*Quem não se comunica se trumbica*”, como dizia lá o apresentador de TV Chacrinha.

Na quinta-feira, teremos Frei Beto. O título, como o Ismael mencionou o Gilbeto Gil, vamos buscar nele: *Andar com fé, eu vou*. Depois a

gente segue com: *Uma cidade sem portas de casa sem armadilha*, quando vamos explorar o “morar”, com Raquel Rolnik.

Depois: *É impossível ser humano sozinho*. Esse coletivo aí é a que você se referiu, não é, João? Vamos trabalhar com o Tales Ab'Saber. Na sequência: *Comer para viver ou viver para comer*. Quem vai trazer a sua contribuição rica é a professora Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello, que está aqui conosco. Em seguida, *O planeta está enfermo*, e quem vai nos ajudar a pensar isso é Sonia Guajajara.

Por fim, os dois últimos encontros: Tatiana Roque falará sobre *O progresso a qualquer preço*. E terminaremos com a contribuição do professor César Aparecido Nunes, com o tema: *O mundo é uma escola*.

Como vocês podem ver, é importante essa contribuição de João para puxarmos o fio desses outros encontros que ainda teremos.

Estão todos, todas e todes (não é, João?) convidados para a continuidade deste trabalho. Queremos muito voltar a encontrá-los aqui e agradecemos muito a presença de todo o mundo. Queremos saber se tem mais alguém que quer dizer algo...

ISMAEL OLIVEIRA

Eu queria só dar uma dica, Terezinha. Em cima de tudo o que o professor João Paulo falou, eu, que sou bem musical, você sabe disso, gostei muito e recomendo para vo-

cês assistirem a série do Gilberto Gil e da família dele. Muito legal como ele traz a questão do tempo e da música através do tempo. Vale a pena. Parabéns a todos. Parabéns para o João Paulo, Terezinha, Fernando, todos os envolvidos. Foi muito bom o encontro.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Obrigada, gente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Acho que ainda temos uma participação. Fernando Rios quer se manifestar.

FERNANDO RIOS

Primeiro, quero agradecer ao João, essa maravilha de fala. Segundo, é uma questão que me preocupa muito: apesar dessa apropriação capitalista, essa presentificação do tempo acontece de maneira diferente no Ocidente, no Oriente, na África. Como conviver com essas diferentes presentificações?

JOÃO PAULO PIMENTA

Capitalismo não é uma criação divina. A globalização do tempo é uma das facetas dessa nova geografia capitalista. Sua pergunta é muito pertinente. Aliás, como todas as demais. E aqui, não é uma declaração de simpatia em relação ao público. Outro

dia gravei um depoimento para o programa da TV Cultura, do Luiz Felipe Pondé e da Thaís Oyama. O tema: Tempos geracionais, tempos das idades das pessoas e seus impactos na vida dos jovens nos dias de hoje. É engraçado como as pessoas acham que quando apontamos, analítica e criteriosamente, limites, contradições, pressões e efeitos deletérios de uma estrutura temporal associada ao sistema capitalista, as pessoas acham que estamos “falando mal” do capitalismo. É uma postura infantil, bobinha, que se expressa em reações inúteis do tipo:

- Ele deve ser marxista, já que está falando mal do capitalismo.

Ou:

- O capitalismo não é tão mau, e o socialismo é pior.

Aqui, diante de vocês, aponte que o capitalismo é um fenômeno histórico. Portanto, mesmo para quem acredita em Deus, não é uma criação divina. Tem suas estruturas, suas lógicas, seus desenvolvimentos e, também, suas geografias.

As geografias do capitalismo foram muito bem desenvolvidas, dentre outros, por David Harvey (1935) a partir de Karl Marx (1818-1883). Tais geografias são espaços assimétricos, coerentes e devidamente contemplados (assim como os tempos assimétricos de que falamos anteriormente) pelo sistema. É não só muito interessante, mas também fundamental, entender essas diferenças de espaços e de tempos no nosso mundo atual.

Tive a oportunidade de passar alguns dias na Índia recentemente. Foi uma experiência muito rica. O tempo todo eu me perguntava:

- Que língua é essa? Isto aqui é um templo? Isto é um deus, uma divindade? De quando são essas coisas? Esse grupo é minoria, é uma maioria?

Típicas perguntas de um viajante minimamente interessado e respeitoso pelo que via e vivia, ainda que em uma viagem breve.

Em todo lugar eu vi, claro, pessoas que usavam relógios e telefones celulares, pessoas com pressa, preocupadas com dinheiro ou em busca de lucro, e que, no fundo, viviam ritmos de vida que eram essencialmente os meus. Mas também havia diferenças. Por exemplo, o fuso horário que não era de diferença de hora em hora em relação aos outros países, mais de meia hora. Na Índia, a hora local tem uma diferença de meia hora em relação ao restante do mundo. Além disso, milhões de pessoas vivem sob o marca-passo de calendários religiosos que são bastante diferentes do nosso calendário gregoriano, mas que acabam por se ajustar aos de outros países em termos, digamos, de produção, exportação e importação de bens, de comércio exterior, ou de movimentações de mercados financeiros globalizados. E tudo isso em uma mesma sociedade, ao mesmo tempo.

Com certa melancolia, e sem pretensões à originalidade, diagnostico que o mundo todo é muito parecido nos dias de hoje. Ele já foi muito, mas muito mais diversificado, plu-

ral. O que implica que os reconhecimentos e aceitações de diferenças, em certo sentido, encontram terrenos pouco propícios de enraizamento (também é verdade que, no passado, tais diferenças eram ainda mais condenadas). Isso vale igualmente para a pluralidade de tempos de nosso mundo. O que poderia ser um verdadeiro fascínio do estranhamento, da contemplação maravilhada da alteridade, me parece uma quimera nos dias de hoje. As diferenças só são reconhecidas e aceitas quando submetidas a tendências majoritárias e padronizadoras. E a globalização do tempo é uma das facetas das atuais geografias do capitalismo

FERNANDO RIOS

Muito obrigado.

JOÃO PAULO PIMENTA

O conhecimento tem sempre uma força política, uma inquestionável potência transformadora da realidade. Peço desculpas pelo meu tom parcialmente pessimista. Por favor, encarem-no como uma dose necessária de realismo, sem o qual a transformação da realidade não é possível. O conhecimento do mundo é uma forma de qualificar a sua transformação, não tenho nenhuma dúvida. O homem não controla todos os vetores de transformação do mundo, mas aquilo que controla demanda diagnósticos. E, nesse

sentido, o conhecimento tem sempre uma força política, uma inquestionável potência transformadora da realidade. Acho que é um pouco isso que estamos exercitando aqui. Muito obrigado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Isso mesmo. Muitíssimo obrigada, João, a você e a todas as pessoas que estão aqui conosco. Estamos com o tempo esgotado. Queremos convidá-los para estar conosco nas próximas mesas. Até lá. Um beijo bem grande para todo mundo. Obrigada, inclusive à Sabrina.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Imagina. Foi um prazer e espero vê-los e vê-las na próxima mesa. As inscrições, abertas no nosso site, encerram-se hoje. Quem está por aqui e ainda não se inscreveu a gente convida que vá até lá rapidinho, para receber o link de acesso amanhã, que vai ser diferente do link de hoje. Foi um prazer, professor João Paulo e a todos vocês, uma ótima tarde. Até a próxima. Vou encerrar a gravação e encerrar também a sala para todos. Até a próxima!